

# **Implicações da pandemia do coronavírus na relação pedagógica entre professores e estudantes na universidade<sup>1</sup>**

*Fabício Oliveira da SILVA<sup>2</sup>*  
*Tahuan Nery Braga da SILVA<sup>3</sup>*

## **RESUMO**

O presente artigo busca compreender aspectos inerentes à relação professor e estudante vivenciada no isolamento físico, causado pela pandemia do coronavírus. O estudo é de natureza qualitativa, do tipo, pesquisa de campo, tendo como dispositivo de recolha de informações a entrevista semiestruturada. A pesquisa foi desenvolvida com estudantes e professores do curso de Filosofia de uma instituição pública. O estudo traz à baila reflexões em torno do uso das tecnologias, a relação pedagógica e a afetividade. O estudo permitiu concluir que diálogo e acolhimento são necessários para a construção da relação pedagógica que possibilite o desenvolvimento de ensino e de aprendizagem. Evidenciou, também, a necessidade de haver compreensão sobre o corpo e seus limites, bem como sobre o ambiente em que estudantes e professores estão, e por fim, a importância do afeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afetividade. Ensino e aprendizagem. Relação pedagógica. Tecnologia.

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Professor Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGE/UEFS. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-7962-7222> E-mail fosilva@uefs.br

<sup>3</sup> Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGE/UEFS. Orcid <https://orcid.org/0009-0007-2592-7143> E-mail thauan544@hotmail.com

# **Implications of the coronavirus pandemic on the pedagogical relationship between teachers and students at university**

*Fabício Oliveira da SILVA*  
*Tahuan Nery Braga da SILVA*

## **ABSTRACT**

This article seeks to understand aspects inherent to the teacher-student relationship experienced during physical isolation caused by the COVID-19 pandemic. The study is qualitative in nature, specifically field research, using semi-structured interviews as the data collection method. The research was conducted with students and professors from a Philosophy course at a public institution. The study brings forth reflections about technology use, pedagogical relationships, and affectivity. The research concluded that dialogue and support are necessary for building pedagogical relationships that enable teaching and learning development. It also highlighted the need for understanding both the body and its limits, as well as the environment where students and teachers are situated, and finally, the importance of affection.

**KEYWORDS:** Affectivity. Pedagogical relationship. Teaching and learning. Technology.

# **Implicaciones de la pandemia de coronavirus en la relación pedagógica entre profesores y estudiantes en la universidad**

*Fabrício Oliveira da SILVA  
Tahuan Nery Braga da SILVA*

## **RESUMEN**

Este artículo busca comprender aspectos inherentes a la relación docente y estudiantil vivida en el aislamiento físico, provocado por la pandemia COVID 19. El estudio se basó en la siguiente pregunta: ¿Cómo enfrentaron docentes y estudiantes el aislamiento físico provocado por la pandemia COVID-19? El estudio es de carácter cualitativo, utilizándose una entrevista semiestructurada como dispositivo de recolección de información. La investigación se desarrolló con estudiantes y profesores de la carrera de Filosofía de una institución pública. El estudio pone en primer plano reflexiones en torno al uso de las tecnologías, la relación pedagógica y la afectividad. El estudio permitió concluir que el diálogo y la aceptación son necesarios para construir una relación pedagógica que posibilite el desarrollo de la enseñanza y el aprendizaje. También resaltó la necesidad de comprender el cuerpo y sus límites, así como el entorno en el que se encuentran estudiantes y profesores, y finalmente, la importancia del afecto.

**PALABRAS CHAVE:** Afectividad. Enseñanza y aprendizaje. Relación pedagógica. Tecnología.

## Introdução

Educar é algo humano. Construimos sociedades e tecnologias, pois somos capazes de produzir e mobilizar o outro a conhecer informações. Mas não apenas isso, pois considerando os aspectos educacionais da humanidade, somos capazes de transformar as informações em conhecimento, mobilizando o outro a aprender e a produzir novos conhecimentos. A própria conceituação de *ser humano* é fruto deste movimento educacional de ser capaz de ensinar e de aprender. Em outras palavras, é impossível pensar na educação como um fenômeno isolado, segregado das condições sociais em que a humanidade vive. De acordo com o que preconiza Candau *et al.*, (2017), os problemas encontrados na atualidade, como por exemplo as crises econômicas, ambientais, políticas dentre outras. Diante de tais problemas, a desigualdade é não apenas demarcada, mas intensificada.

Ou seja, educar exige a capacidade não apenas de enxergar tais diversidades que demarcam nossa sociedade. O movimento educador, exige em sua essência a capacidade de se reinventar para superar tais diferenças. Uma educação que não se move neste sentido, está contribuindo fortemente para o aumento das desigualdades. Diante disso, a educação no ano de 2020 teve que enfrentar um grande obstáculo: a pandemia causada pelo coronavírus. Este fenômeno afetou os corpos de diferentes maneiras, alterando a relação pedagógica do ensinar e do aprender. O filósofo Baruch Espinosa, entendendo diferentes modos em que os corpos são afetados, nos diz que:

O corpo humano é afetado pelos corpos exteriores de muitas maneiras. Dois homens podem, portanto, ser afetados, no mesmo momento, de maneiras diferentes. Logo, podem ser afetados diferentemente por um só e mesmo objeto. Além disso o corpo humano ser afetado, ora de uma maneira, ora de outra e, conseqüentemente, pode, em momentos diferentes, ser afetado diferentemente por um só e mesmo objeto. (Espinosa, 2022. p.131).

Neste sentido, tal fenômeno afetou professores e estudantes de formas variadas. Espinosa (2022) aponta ainda que, quanto mais corpos afetados, maior é a potência da mente. Melhor dizendo, quanto mais somos capazes de perceber o mundo que nos rodeia, maior é nossa capacidade de refletir e agir. Mas, de que forma tal momento tão conflituoso para todos pode vir a contribuir nas reflexões acerca da educação? Ora, sendo um fenômeno que foi comum a todos, todos foram afetados por este, e como cada ser é afetado de diferentes formas por um e mesmo objeto, é possível retirar de tal momento as mais variadas reflexões.

Podemos elencar algumas problemáticas em que os corpos na educação foram diretamente

afetados. Assim, é possível mencionar a rapidez na qual uma nova realidade fora imposta a todos, gerando efetivação de aulas remotas, pelo isolamento físico, desenvolvidas sem uma formação para que docentes pudessem se preparar para tais mudanças. Tudo isso se deu diante da rapidez em que a COVID-19 surgiu, alterando o planejamento e execução das aulas, acesso a tecnologias, modificando o ambiente presencial escolar, antes entendido como adequado para planejar, executar e ministrar e/ou assistir às aulas, dentre várias outras questões.

A superação de tais dificuldades não poderiam ser dada diante da negação do outro e das condições em que este outro vivia. Mais do que nunca, se fez necessário compreender quais os limites da relação pedagógica e sua implicação no processo de ensino e de aprendizagem. Ao abordarmos tal problemática, se faz necessário que nos lembremos que, a relação pedagógica só é possível pois nela está envolvida dois seres, que antes de serem professores, estudantes, homens, mulheres, trabalhadores ou desempregados, são inicialmente seres humanos. Logo, apontar para as limitações na relação pedagógica, é apontar para as limitações nas relações humanas e ao mesmo tempo, para os limites do próprio ser humano, enquanto *ser no mundo*, não um ser passivo, o qual é meramente afetado pelo ambiente, mas que, age sobre os afetos, e atua sobre o mundo.

Santos (2020) aponta que diante de permanente crise, pode-se perceber por meio desta a explicação de tudo. Entretanto, tivemos aqui um cenário atípico, no qual a crise, ou seja, o isolamento físico, foi algo passageiro, mas, que revelou a fonte de diversos problemas.

Neste sentido, pretende-se aqui compreender quais foram os desafios que professores e estudantes enfrentaram numa nova relação pedagógica mobilizada pelo COVID-19. Durante o desenvolvimento do presente estudo, foram mapeados três campos, a) relação pedagógica, tendo em vista não apenas o diálogo que se dá entre professor e estudante, mas, como também os conflitos particulares de cada um e como isso interferia positivamente e até mesmo negativamente no processo de aprendizagem, b) uso de tecnologias, considerando a dinâmica entre o indivíduo e a máquina, e como essa relação pessoal com a tecnologia veio a afetar a relação pedagógica, c) por fim: processos de aprendizagem, isto é, em saber quais lições professores e alunos retiraram de suas experiências particulares e coletivas.

## **Percurso metodológico**

Para focalizar a problemática desenvolvida na relação professor e estudante no contexto universitário, foi preciso delimitar o tipo de abordagem que seria escolhida. Logo, foi decidido que a pesquisa se valeria de relatos autobiográficos, possuindo desta forma um caráter qualitativo.

Segundo Silva *et al* (2023) a abordagem qualitativa prima pela valorização e produção de sentidos que objetivam focalização em aspectos da singularidade, muitas vezes encontradas em pesquisas de campo, do tipo autobiográficas.

Assim, caracterizada como uma pesquisa de campo, a abordagem qualitativa primou, sobretudo, por valorizar os sentidos que os próprios colaboradores do estudo produziram pelo vivido e experienciado durante o período pandêmico. De acordo com o que preconiza Minayo (2008):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2008. p. 21).

Tal abordagem foi escolhida tendo em vista duas questões, em primeiro lugar, a individualidade de cada ser, portanto, teríamos que ter uma aproximação maior com a experiência individual de cada um, narrativas únicas, mas, que se conectam em diversos momentos. Em segundo lugar, tem-se o cuidado para não cair aqui em mero reducionismo ou somente numa descrição histórica, mas em unir tais narrativas particulares com o todo, podendo analisar de forma mais precisa e profunda as implicações pedagógicas causadas pelo isolamento físico durante a pandemia do COVID-19.

Assim sendo, o estudo foi desenvolvido com cinco colaboradores, sendo dois professores e três estudantes que tiveram aulas com os respectivos professores participantes do estudo. Esse critério visou conhecer a relação pedagógica e desafios que tais sujeitos lograram durante o isolamento físico. As entrevistas foram realizadas individualmente, com média de 22 a 46 minutos. As gravações foram realizadas utilizando-se o aparelho celular. As entrevistas foram transcritas e categorizadas a partir de núcleos temáticos que emergiram das próprias narrativas. Vale lembrar que por questões éticas e de recomendação do CEP que aprovou a pesquisa da qual o presente estudo se originou, os nomes dos colaboradores são fictícios.

Para proceder o movimento analítico, recorreu-se ao paradigma compreensivo e interpretativo de Ricoeur (2000). Assim, o processo de categorização foi constituído a partir dos núcleos temáticos que emergiram da própria narrativa, de cada colaborador, sendo agrupados a partir da semelhança entre os sentidos que foram sendo construídos. Nesse sentido, o movimento

se deu, não de interpretação dos pesquisadores sobre o narrado, mas de desvelar os próprios sentidos que os colaboradores produziam no ato de narrar.

Nas seções seguintes, nos dedicamos a tratar dos núcleos temáticos que emergiram de cada narrativa. Nesta lógica, foram agrupados os temas como relação pedagógica, uso das tecnologias e os processos de ensino e aprendizagem.

## **Relação pedagógica**

Para que se possa entender quais as implicações pedagógicas causadas pelo isolamento físico na relação pedagógica, é necessário entender o que seria isso que denominamos como “relação pedagógica”. Trata-se de uma relação que se dá entre professores e estudantes, durante os percursos formativos. Partimos do pressuposto de que essa relação não é homogênea. Muito pelo contrário, trata-se de uma relação marcada por heterogeneidade de vários aspectos.

A natureza como um todo é marcada por pluralidades, espécies distintas de plantas e animais, diferentes tipos de clima, dentre as sociedades humanas, possuímos diferenças territoriais, conceitos distintos de temporalidade, práticas culturais um vasto campo demarcado por diferenças. Assim, a relação pedagógica congrega uma heterogeneidade que está presente na própria natureza humana. Freire (2011) aponta que “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o que é o homem” (Freire, 2011, p. 29). É a pluralidade de existências que constitui a formação do ser humano. O ser humano não é apenas um *ser no mundo*, é também um *ser com o mundo*, pois nestas pluralidades de existências nos constituímos enquanto sujeitos, indivíduos capazes de modificar o mundo, é sendo que se aprende a ser. Considerando a natureza humana nos aspectos educacionais, Ribeiro (2010) defende que:

Na atualidade, o papel do professor tornou-se muito mais amplo e complexo, pois ele deixou de ser apenas o repassador de informações e conhecimentos e já se reconhece como um parceiro do estudante na construção dos conhecimentos, parceria que implica novos saberes e atitudes que possibilitem aos estudantes integrarem no processo de aprendizagem das disciplinas os aspectos cognitivo e afetivo e a formação de atitudes (Ribeiro, 2010. p. 405).

Neste sentido, a pandemia do coronavírus surgiu como um fenômeno que pôs em xeque as várias formas de ser no mundo e com o mundo, abalando fortemente a noção de indivíduo, interação e corporeidade. Os professores e estudantes viram-se diante de um grande enigma lançado

pela esfinge<sup>4</sup>, como se adaptar tão rapidamente a um ambiente completamente novo imposto de forma tão rápida?

A chegada da pandemia do coronavírus foi extremamente caótica e traumática, um evento que atingiu todas as camadas da sociedade humana. Tivemos as “feridas” da sociedade totalmente expostas, notamos com mais facilidade os vários problemas de nosso sistema. Além de expor tais fragilidades, o COVID-19 contribuiu para a piora de tais problemas.

Foi dito que para falar sobre relação pedagógica é necessário falar sobre o ser humano e sua interação com outros seres e com o mundo. Parece oportuno descrever, portanto, o ambiente humano, isto é, a fragilidade relacionada a tal tópico que se fez presente na vida de professores e estudantes do curso de filosofia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A estudante Qiyana relata que:

Nos três primeiros meses eu enfrentei uma grande dificuldade em relação a isso (referindo-se ao desafio de aulas remotas). Aqui em casa é um salário mínimo, não tem como colocar internet (...) Eu ia todos os dias pra casa de minha tia assistir as aulas e na volta, minha tia me trazia até no meio do caminho, porque já não tinha ninguém na rua por causa do horário e não tinha como eu dormir lá todas as noites por causa que minha avó, uma senhora de 85 anos e já aconteceu dela passar mal de noite e eu ter que levar pro hospital. Uma coisa é eu passar uma semana fora, outra coisa é todos os dias. Eu cheguei até a pegar aquele auxílio pra internet, mas devolvi porque vi que o dinheiro não daria pra eu comprar o roteador, pagar pra instalar a internet já que eles davam o dinheiro pra pagar a internet já instalada e como tinha que mandar o comprovante eu devolvi o dinheiro. (Qiyana, Entrevista, 2023)

Estudantes com vulnerabilidade econômica, durante o isolamento físico, apresentaram uma maior dificuldade para poderem acompanhar as aulas remotas. Professores tinham que lidar com a existência marcante dos diferentes ambientes, metodologias de ensino e aprendizagens que não estavam adaptadas para tal cenário, sem contar que essa relação pedagógica foi também marcada pelo iminente risco de ser contaminado e ter complicações, gerando, diuturnamente, medos e inseguranças.

O professor Nasus relata que “*em relação aos alunos, o que eu percebo é que os alunos estavam tendo aulas em condições mais diversas possíveis (...) Os alunos que vêm e se deslocam para universidade se encontram na sala de aula, eles tem um ambiente preparado.*”( NASUS, Entrevista, 2023). Ou seja, durante as aulas o professor percebeu que os seus alunos não possuíam um ambiente adequado para o estudo. Relata ele que notava em suas aulas, no momento em que os

<sup>4</sup> Mito antigo, no qual aqueles que não decifrasse o enigma seriam devorados.



SILVA; SILVA  
alunos abriam a câmera ou microfone, a presença de familiares e amigos durante o momento da aula, o som de uma televisão ligada ou pessoas conversando. *“Eu tinha um planejamento e ele foi completamente frustrado, não completamente, ele foi frustrado pela dinâmica da aula virtual, e eu precisei rever isso, muitas vezes encurtar as apresentações, em alguns casos torná-las visuais”* (NASUS, Entrevista, 2023) afirma Nasus. Tais questões interferem diretamente na relação pedagógica e no processo de ensino e aprendizagem, pois:

As pessoas e nós mesmos professores (...) ficamos mais cansados, a apresentação das aulas, a própria apresentação. O modo como nós dirigimos a atenção à turma e o fato de que as aulas virtuais nós não podemos acompanhar, por exemplo, a reação dos alunos. Então, eu não sei se aquilo que eu falo, eu não sei como é recebido, nas aulas presenciais é muito mais fácil perceber por estarmos olho a olho com o aluno, é muito mais fácil perceber quando a frase ou gesto teórico que você está utilizando em sala de aula é acompanhado pelos alunos, se produziu um interesse ou não (Nasus, Entrevista, 2023).

Questões como estas fizeram com que professores e alunos se sentissem desgastados emocionalmente. Como avaliar se o aluno compreende o que está sendo passado quando não se está ao lado do aluno? É possível concretizar uma boa relação pedagógica em isolamento físico?

Notamos, portanto, que a noção de espaço foi fortemente abalada. As salas de aula, com as quais estávamos acostumados, espaço preparado para o processo de ensino e aprendizagem, com carteiras enfileiradas, porta e janelas cedeu espaço a uma tela de computador ou celular. Nota-se que dentro do ambiente virtual a noção de espaço é outra, mais ampla, a dinâmica de interação assume uma nova postura, a rede tecnológica que conectava professores e estudantes capaz de fazer com que as aulas ocorressem, esta mesma rede que conectava professores e estudantes também causava distância, em outras palavras, estar conectado não era sinônimo de estar presente. E a educação **exige** presença, como aponta Freire (2022):

E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (...) Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (Freire, 2022. p. 28).

Neste ponto, nossos questionamentos dirigem-se buscando compreender como se deu tal movimento, como estudantes e professores se inquietaram para o que estava ocorrendo? A professora Marina frisa que:

O espaço da sala de aula é muito rico, ele propicia discussões, mas neste momento da pandemia eu sentia a uma fragilidade dos alunos, sentia um certo socorro dos

Implicações da pandemia do coronavírus na relação pedagógica entre professores e estudantes na universidade  
alunos, pedindo, e que a gente tava ali, porque também a gente tava pedindo socorro, acho que porque pedimos juntos (Marina, Entrevista, 2023).

O movimento educador requer cuidado, e tal cuidado dentro da educação foi de extrema importância para que se pudesse superar os obstáculos que se faziam presentes. Em outras palavras, como o professor poderia ministrar suas aulas desconsiderando a realidade dos estudantes? Uma vez que transpor o modelo das aulas presenciais sob as aulas remotas demonstrou-se ineficiente. Que metodologias os estudantes poderiam criar para possuir um bom aprendizado? Tais questões foram tratadas de que forma por professores e estudantes? Sobre este ponto, a estudante Belchior relata que:

Quanto ao diálogo, diria que não tive dificuldade, pelo contrário, achei os professores mais disponíveis para ouvir e mais compreensíveis. Acredito que a pandemia tenha mexido com todos, e por isso, observei o comportamento de aproximação e estreitamento dos laços entre os professores e alunos, durante a transição para aulas remotas (Belchior, Entrevista, 2023).

Ou seja, não poderia superar estas problemáticas sem estreitar laços. A educação se faz no diálogo e na conexão afetiva construída em conjunto entre professores e estudantes.

As relações afetivas aqui assumem uma postura nada trivial, uma vez que o afeto é encarado como algo mais profundo, sendo de extrema importância no movimento de ensino e aprendizagem. O filósofo Espinosa (2022) define o afeto sendo tudo aquilo que tem a capacidade de aumentar ou diminuir a nossa potência. Quanto mais somos afetados e mais possuímos a capacidade de perceber as coisas pelas quais somos afetados, maior a nossa capacidade de agir. Afetos de alegria surgem, portanto, na compreensão adequada dos afetos. Afetos relacionados à tristeza surgem por conta de uma compreensão inadequada acerca dos afetos.

Em outras palavras, uma não compreensão dos afetos, e das formas pelas quais estavam sendo afetados fez com que professores e estudantes se sentissem cansados, revelando dificuldade em participar ativamente deste processo de ensino e aprendizagem. Mas, em contrapartida, na medida em que foram sendo afetados por estes fenômenos, no caso o isolamento físico, as aulas remotas e as diferenças do ambiente de ensino e aprendizagem, fez com que professores e estudantes, na relação pedagógica, fossem construindo um conhecimento acerca destes afetos. E na medida em que tal conhecimento veio a tornar-se adequado, aumentando a capacidade de agir de estudantes e professores, possibilitou desenvolvimento de estratégias por ambos sujeitos. Nesta perspectiva Ribeiro (2010) enfatiza que:

SILVA; SILVA

Afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos: do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos (Ribeiro, 2010. p. 406).

A adoção deste comprometimento com uma pedagogia que se move em tais compreensões afetivas foram evidentes nesse processo. Corroborando com a compreensão efetiva na construção de uma relação pedagógica ancorada nos princípios da afetividade e do acolhimento, a professora Marina nos diz que:

Uma das coisas muito importantes, eu disponibilizei meu whatsapp, para os alunos é meu aluno, está cursando minha disciplina, meu whatsapp está aberto para responder a qualquer momento [...] porque eu entendia que todos nós estávamos numa situação, vulneráveis, todos nós estávamos frágeis, então precisávamos naquele momento mais do que outro em nos darmos as mãos e nos ajudar (Marina, Entrevista, 2023).

Portanto, o processo dialógico existente na relação pedagógica torna-se impossível sem a existência da afetividade. É através do afeto que aluno, professor ou professora são capazes de se moverem juntos em direção a um objetivo. Objetivo esse que se constrói no processo de *vir a ser da* educação, dos educandos e dos professores. Portanto, o isolamento físico suscitou a necessidade de aproximações que se consolidaram pela via da afetividade e de uma necessidade de manutenção de diálogos e de acolhimento.

## **Compreensão das tecnologias: Desafios e possibilidades do isolamento físico**

O uso das tecnologias revelou a necessidade de invenções e reinvenções que só a espécie humana é capaz de fazer. Flusser afirma que “A fábrica é, portanto, uma criação comum e característica da espécie humana, aquilo a que já se chamou de “dignidade” humana. Podem-se reconhecer os homens por suas fábricas.” (Flusser, 2007. p.35). O ser humano a partir do momento em que compreende o seu mundo ele o modifica. A fabricação de tecnologias é, portanto, forma de resistência e superação. Superação não apenas do ambiente, mas uma autossuperação, na qual o indivíduo enquanto modifica o ambiente, amplia sua forma de existir no mundo, e “as fábricas são lugares onde sempre são produzidas novas formas de homens” (Flusser, 2007. p.37). Flusser afirma ainda que:

As máquinas exigiam não apenas informação empírica, mas também teórica, e isso explica o porquê da escolaridade obrigatória: escolas primárias que ensinem o manejo de máquinas, escolas secundárias para o ensino da manutenção das

Implicações da pandemia do coronavírus na relação pedagógica entre professores e estudantes na universidade  
máquinas e escolas superiores que ensinam a construir novas máquinas. Os aparelhos eletrônicos exigem um processo de aprendizagem ainda mais abstrato e o desenvolvimento de disciplinas que de modo geral ainda não se encontram acessíveis (Flusser. 2007. Pg.42).

Considerando o pensamento de Flusser (2007, percebe-se, que de modo geral, a educação possui caráter formativo para lidar com essa tecnologia. Antes do isolamento físico, as tecnologias já se faziam presentes no dia a dia de todos. Desta forma, quando foi implementado as aulas remotas, estudantes e professores não deveriam apresentar problemas neste aspecto. Entretanto não foi o que ocorreu. Marina, relata que *“dentro de mim sempre existia uma falta, a gente precisa melhorar, a gente precisa melhorar nessa coisa da tecnologia que essa tecnologia nos aproxima, pra não ficar essa coisa fria”* (Marina. Entrevista. 2023). Ou seja, mesmo a tecnologia sendo uma extensão do corpo humano, isto é, uma das formas humanas de *ser no mundo*, não ocorreu o processo de identificação, professores e estudantes. Por não se identificarem com o ambiente virtual, sentiam uma falta, a falta do *eu*. E, para lidar com tal ausência, precisava-se reconfigurar e ressignificar o conceito de corpo. É possível fazer-se presente com a ausência física do outro? Há espaço para os corpos num ambiente virtual? Como educadores e educandos, o desafio está em fazer com que surja uma educação integradora, que venha a suprir essa ausência do “eu”? Diante do que foi relatado, destaca-se ainda que não se pode ignorar o acesso<sup>5</sup>, aos meios tecnológicos. A estudante Qiyana enfatizou que:

Até hoje eu não sei usar algumas ferramentas, tenho dificuldades até hoje, eu morava com meus pais, lá em casa também não tinha internet a energia elétrica veio chegar na minha casa quando eu tinha 15 anos, até hoje, lá nos meus pais não tem internet, apesar dele está tentando colocar, mas, a rede ainda não chegou lá. Eu assistia às aulas pelo celular só que meu celular já estava velhinho ele já tinha ido pro concerto umas três vezes, aí nas aulas eu ouvia os professores, mas, quando eu falava eles tinham dificuldade de me ouvirem, aí foi então que fui atrás do auxílio pra comprar o celular, porque mesmo eu colocando vários currículos empresa nenhuma me deu oportunidade porque não tenho experiência (Qiyana. Entrevista. 2023).

Notamos com a narrativa de Oiyana, algumas questões fundamentais para compreender o fenômeno da falta abordado anteriormente pela professora Marina. Em primeiro lugar, a dificuldade em saber manusear as tecnologias, em possuir um aparelho para assistir às aulas ou em ter de fato um aparelho em mãos, implicaram diretamente no acompanhamento das aulas durante o período de isolamento físico. A professora Marina aponta que *“existe uma timidez em levantar mão”* (Marina.

<sup>5</sup> seja ao ato de manusear as tecnologias ou ao ato de ter um celular ou um computador para assistir às aulas

SILVA; SILVA  
Entrevista.2023) e tal timidez se direciona no sentido de querer ou sentir-se confortável para aprender, de construir, em outras palavras, se o sujeito não se identifica com a tecnologia ou vê-se impossibilitado de tentar construir tal identificação, sua capacidade de agir será por tanto refreada, o que leva a uma outra discussão, a do processo de humanização. A esse respeito, Freire (2022) aponta que:

Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir (Freire, 2022 p.141).

Percebemos, portanto, que mesmo dentro do isolamento físico, para superar as barreiras impostas pelas dificuldades da realidade tecnológica no que diz respeito a proximidade, houve essa necessidade de “gentificação”, isto é, uma necessidade de reelaborar as manifestações corpóreas, direcionando a compreensão da máquina não para algo distante, frio, repleto de vazio e um labirinto no qual os “eus” de professores e estudantes se perdem, mas para um espaço no qual é possível explorar as várias condições e possibilidades de existência. “No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.” (Freire, 2022 p.92). E, foi justamente essa capacidade de se reinventar que pode ser observada durante esse período. Diante de tais narrativas não podemos deixar de lado o seguinte fenômeno: a curiosidade humana. Freire (2022) afirma que:

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfeição do objeto ou do achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuro comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo melhor o espaço. Admito várias hipóteses em torno da possível origem do ruído. Elimino algumas até que chego a sua explicação. Satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência (Freire. 2022. p. 85).

E a curiosidade que move educadores, educadoras e educandos, deve mover-se sempre em direção à humanização. Nas palavras de Tom zé “Mas o que salva a humanidade/É que não há quem cure a curiosidade”<sup>6</sup>. A curiosidade humana revela-se como algo que faz parte da natureza questionadora do ser humano. Sem a curiosidade em compreender do porquê anoitece ou como

<sup>6</sup> Letra da música “Salva a Humanidade” de Tom Zé, publicada no ano de 2014

poderíamos fazer com que alimentos durem mais, sem essa curiosidade que move, não seria possível conceber o que atualmente chamamos de sociedade, ética ou moral. Sem esta curiosidade que nos move, não seria possível ter a compreensão de nós mesmos e da realidade. Curiosidade esta que se revelou extremamente necessária a professores e estudantes, os direcionando a caminhos possíveis para lidarem com a nova realidade de ensino remoto e isolamento físico imposto pela pandemia causada pelo COVID-19.

Foi nesta busca pelo saber em lidar com a tecnologia e em se reinventar que despertou a seguinte incômodo em Marina: *“Eu pensava, eu preciso que as aulas sejam por esse caminho, a gente precisa humanizar isso aqui, eu não vou deixar as máquinas só dominarem”* (Marina. Entrevista. 2023). Percebemos aqui nesse constante conflito entre a relação consigo mesmo e com a tecnologia, a dificuldade do ser humano em guiar-se em algo no qual ele mesmo desenvolveu.

Entretanto, a fala de Marina revela para nós uma possibilidade, um caminho possível para superar essa frieza e domínio das máquinas, a falta de domínio e ausência dos “eus” que se perdem nesse mundo tecnológico: o afeto. Como podemos “humanizar as máquinas?” foi a curiosidade que movimentou Marina, outros professores e estudantes durante o isolamento físico.

A questão foi sendo mapeada a partir da ideia de saber como foi sendo estabelecido um processo de identificação com a máquina, com ferramentas, métodos ou estratégias com que professores e estudantes utilizaram para que pudessem desenvolver suas atividades na universidade. Assim, percebemos haver a necessidade de identificar-se uns com os outros, logo de identificar e humanizar também as máquinas para que pudessem desta maneira construir um bom processo de ensinagem e de aprendizagem dos recursos tecnológicos, que eram também, recursos humanos de afeto e de acolhimento.

Enquanto professor enquanto mediador do conhecimento da aprendizagem você precisa pensar: Como é que o aluno percebe o que está sentindo? e ele fala e ele elabora a fala, eu acredito na fala como um processo extremamente curativo, e no espaço da sala de aula já que não estávamos juntos pra poder abraçar, sorrir, discutir ou discordar. Onde teoricamente temos o conhecimento formal no espaço físico nós não víamos (Marina. Entrevista. 2023).

Encontramos na narrativa de Marina a ideia da fala, da manifestação do corpo como um processo curativo, pois através da fala houve o processo de compreensão da extensão do corpo. A importância de o professor reconhecer o estudante como um sujeito ativo e que ao mesmo tempo faz parte daquele momento de ensino e aprendizagem, daquele ambiente educacional como um

todo. Pois, mesmo em aulas remotas, o ambiente se faz pelas existências e modos distintos de ser e estar ali presentes. Seria impossível mover-se no ambiente virtual desconsiderando tais aspectos.

## **Aprendizagens: entendimento de humanização**

Como se pôde observar, professores e alunos demonstraram-se fragilizados diante das adversidades encontradas no isolamento físico. Durante as entrevistas, foi possível perceber que ambos faziam uma menção ou crítica de forma direta ou indireta, não apenas sobre questões ligadas à diversidade, mas também a fenômenos relacionados ao currículo acadêmico. Tal constatação pode ser verificada em narrativas como as da professora Marina, que abordando situações da aprendizagem considera que:

Houve uma queda, talvez, se a gente for pensar em termos de qualidade, mas de qual qualidade a gente está falando? A gente tá falando de uma qualidade cognitivamente de nota, pensar nos indicadores. Mas afinal de contas, o que é que forma esses indicadores? Porque o mais importante, quando eu vou colocar um indicador numa nota com presença, com evasão ou repetência. Quantos alunos estavam presentes? sim, quando eu boto um indicador que eu vou levar em conta como foi a aula e o que os alunos aprenderam, eu estou levando em consideração outras coisas também (Marina. Entrevista. 2023).

A professora Marina destaca que ao nos basearmos em termos de qualidade de ensino, temos obviamente por trás dessa definição de “qualidade” atributos ou bases que venham a definir como medir isso que chamamos de qualidade. Em termos mais precisos, as situações de aprendizagens precisam ser evidenciadas em indicadores que mostrem as aprendizagens dos estudantes. As noções mais básicas que aparentemente indicam uma boa qualidade de ensino estão baseadas em critérios como nota, participação, frequência ou dedicação, entretanto, tais bases foram fortemente abaladas com a chegada da pandemia do COVID-19, das aulas remotas e do isolamento físico. Como avaliar um aluno baseando-se em sua participação nas aulas sabendo que muitos não possuem um acesso fácil aos meios tecnológicos ou ainda que possuam não tem um ambiente preparado para o estudo?

A esse respeito, Ribeiro (2010) aponta que:

As diretrizes concernentes à formação dos professores (Brasil, 1999) assinalam que uma educação de “qualidade” deve desenvolver, nos aprendizes, diferentes capacidades “cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal” (p.25). Esse documento coloca que o estabelecimento de relações afetivas repercute no trabalho educativo e que somente os professores que valorizam o estabelecimento dessas relações criam as condições necessárias à integração social dos seus alunos (Ribeiro. 2010. p. 406).



Implicações da pandemia do coronavírus na relação pedagógica entre professores e estudantes na universidade

Logo, essa qualidade evidenciada na narrativa da professora Marina está intrinsecamente ligada com os elementos destacados por Ribeiro (2010), sobretudo porque a qualidade não estaria dissociada de condições humanas e de indicadores de melhorias efetivas na relação interpessoal que estudantes estabelecem com professores na universidade. Entretanto, a aplicação e a busca por essa qualidade linkada acima exige do professor (e dos estudantes) a compreensão de que a qualidade não se dá por um fator isolado. Para Freire (2022):

O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” (Freire. 2022. p.28).

Por esta lógica reflexiva, e considerando as possibilidades de aprendizagem durante a pandemia do COVID 19, cabe a seguinte ponderação: o que professores e estudantes aprenderam com tal experiência? A concepção de experiência que depreendemos aponta para uma ideia de colaboratividade, de um corpo consciente das dimensões relacionais e afetivas que a educação desenvolve. É preciso, contudo, compreender que o processo de aprendizagem se constrói por mentes e mãos que se complementam em uma ação de produção de saberes e de libertação. E nada disso seria possível sem a relação entre professores e estudantes, que demanda atitudes de superação, de transpor barreiras e dificuldades. Para Freire, (2022):

A vida no suporte não implica a linguagem nem a postura ereta que permitiu a liberação das mãos. Mãos que, em grande medida, nos fizeram. Quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mente e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência. O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não “espaço” vazio a ser enchido por conteúdos (Freire. 2022. p.51).

Ou seja, aprender é mais que apenas a mera capacidade de entender. O aprendizado se dá através de uma superação do ambiente apreendido. Aprender se realiza no ato de superação, no qual o indivíduo supera as barreiras e limites interiores e exteriores. É, por sua vez, consequentemente a capacidade de modificar o ambiente na medida em que vai modificando e superando a si mesmo. Tal perspectiva se presentifica na fala da estudante Qiyana, que abordando a superação pela não desistência nos diz que “apesar de tudo ser complicado não devemos desistir daquilo que realmente queremos.” (Qiyana. Entrevista. 2023).



SILVA; SILVA

E, é esse querer que nos motiva, que nos movimenta. Espinosa (2022) aponta que “*não há na mente, nenhuma vontade absoluta ou livre: a mente é determinada a querer isto ou aquilo por uma causa que é, também ela, determinada por uma outra, e esta última, por sua vez, por outra, e assim até o infinito.*” (Espinosa. 2022. p. 87). O que movimenta e motiva um aluno a mover-se em direção a superação de si mesmo? E, pensando também nessa perspectiva, podemos indagar ainda: o que faz com que professores superem a si mesmos buscando naquele momento lidar com seus cansaços diante do desafio de desenvolver aprendizagens?

Para Freire (2022), “minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História.” (Freire. 2022. p. 53). E, é justamente esse “querer se inserir” que nos movimenta, que nos afeta. Nos afeta, pois, somos gente, e reconhecendo que estamos sendo no mundo, isto é, a partir do momento em que tanto professores quanto alunos se reconhecem como seres que estão inseridos no mundo não como meros objetos, passivos de toda e qualquer ação. É preciso nos reconhecer como sujeitos, protagonistas de nossa própria história, capazes de transformarem a si mesmo e o mundo que nos cerca. É nessa dinâmica que o processo de aprendizagem se torna possível. Sem esse movimento, não é possível que haja uma boa educação. Em outras palavras, sem esse movimento, não seria possível conceber um aspecto positivo no período de isolamento físico, ou em qualquer outro momento da história humana ou individual de cada ser.

Diante disso é que indagações como a da professora Marina surgem: “sempre procurei me implicar naquilo que eu estava fazendo, como eu posso fazer melhor?” (Marina. Entrevista. 2023). Como poder fazer melhor? Aponta ainda que buscou direcionar

(...) o olhar mais individualizado pro aluno, um olhar de saber eu tive esse olhar e a pandemia me balançou mais nesse sentido, me deixou mais alerta, dos problemas que nos afligem, dos problemas que aflige a humanidade, da desigualdade gritante que vimos acontecer com a pandemia (Marina. Entrevista. 2023).

Esse olhar de saber exige em sua natureza uma compreensão individualizadora, em compreender que, as desigualdades estão ligadas ao processo de aprender, uma vez que a diversidade sofre interferência direta dela. Como se pode ver, com a chegada das aulas remotas e com isolamento físico, esse olhar mais crítico foi aguçado. Ser professor ou professora exige compreender e enxergar os educandos em sua diversidade e individualidade, saber contornar escutar a voz dos alunos em meio a essa desigualdade gritante. A estudante Belchior afirma que:

Implicações da pandemia do coronavírus na relação pedagógica entre professores e estudantes na universidade

Na minha vivência em ambos os cenários, afirmo com veemência que foram muito mais compreensivos. Professores que eu já havia participado de aulas presenciais me surpreenderam muito nesse aspecto, por tentarem se ajustar e compreender os percalços que os estudantes estavam passando. Internet caindo, falta de privacidade em dias de apresentação, nervosismo, falta de controle emocional (...) muitos foram os problemas ao longo das atividades remotas, e eu sempre vi, da parte dos professores, atitudes de entendimento e possibilidades para corroborar com o ensino dentro das possibilidades existentes (Belchior, Entrevista, 2023).

Confirmamos aqui um aspecto fundamental para o exercício da vida docente: o saber lidar com as possibilidades existentes. Um bom professor ou professora busca as soluções necessárias para proporcionar um aprendizado baseando-se no próprio ambiente. Não queremos com isso, é claro, afirmar que não se precisa, por exemplo, de mais investimentos na educação ou de se dar mais atenção a questões como financiamentos às pesquisas ou a estrutura na qual professores e alunos estão inseridos, mas que, um bom professor ou professora, apesar das adversidades encontradas não se deixa abater, e não desiste da sua função de mobilizar o outro a aprender e a superar suas dificuldades.

Um profissional capaz de investir esforços na educação, ter em seu ser a noção de que sua posição pode mobilizar vidas e mais que isso, contribuir para que o mundo seja melhorado. Diante de tal cenário, afirma Nasus: *“Me preocupo um pouco mais com a interação, algo que foi crucial no período da pandemia”* (NASUS. 2023. Entrevista.). E, justamente por essa preocupação, por essa postura por parte dos professores de uma escuta humanizadora, o processo de humanizar as máquinas revela-se como necessário. A interação aqui referida, não se limita ao ato de apenas responder aos questionamentos levantados pelo professor ou professora durante a aula. Essa interação move-se num sentido de que, é necessário saber que os alunos e alunas compreendam os conteúdos que estão sendo-lhes ensinados. Entretanto é necessário ter em mente que:

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (Freire. 2022. p. 105).

Em outros termos, é importante conceber que, tal noção de interação ou autonomia aqui não se realiza exclusivamente pela ação do professor ou professora. Tem-se que reforçar tal ponto para não se cair no equívoco de que o professor ou professora é o único ou única responsável pela disseminação de uma boa educação. Um dos papéis fundamentais de tal profissão exige a

capacidade de estimular os educandos a buscarem o conhecimento de forma crítica.

Pode-se perceber que tais saberes são alcançados, quando nos deparamos com afirmações do tipo: *“aprendi que dificuldades podem ser superadas, e o mundo virtual diminuiu a distância do saber e aprendizagem”* (Jhin. Entrevista. 2023). Alunos que aprendem a persistir e a lutar por uma educação, a capacidade de encontrarem na dificuldade uma forma de superação.

Essa distância do saber apontada por Jhin, pode ser identificada sob vários aspectos, dentre eles, a relação de proximidade física com as tecnologias e informações que possibilitam caminhos viáveis para a construção de um bom processo de ensinagem, a proximidade afetiva com a qual o indivíduo possui com a máquina. Fiquemos, portanto, com essas duas afirmações no que diz respeito à distância. O saber, aqui expresso por Jhin, está relacionado ao conhecimento. Revelando que em primeiro lugar, essa distância do saber na dimensão da diversidade, ou seja, pela realidade de cada indivíduo, do ambiente e tempo de dedicação para os estudos. Continua afirmando sobre a dificuldade daquele período de isolamento físico, dizendo que *“foi difícil e ao mesmo tempo um desafio novo. Me fez refletir e me trouxe uma oportunidade de continuar avançando nos estudos no conforto de nosso lar.”* E continua dizendo que *“Me abriu novos horizontes, pois hoje eu tenho outra forma para aumentar minha qualificação.”* (Jhin. Entrevista. 2023). Assim, pelo narrado o estudante entende que o isolamento físico, causado pela pandemia do COVID-19, possibilitou uma nova forma de aprendizagem, de desenvolvimento de estratégias que deveriam ser desenvolvidas baseadas na realidade de cada um.

Em se tratando de aprendizagem nesse período, é pertinente a refletir sobre a tecnologia nesse processo de aprendizagem, "podemos considerar as ferramentas, as máquinas e os eletrônicos como imitações das mãos, como próteses que prolongam o alcance das mãos e em consequência ampliam as informações herdadas geneticamente graças às informações culturais, adquiridas." (Flusser, 2007. p.36).

Em outras palavras, o ato de informar se realiza pela comunicação, ou seja, quem comunica deseja por sua vez comunicar algo envolvendo, portanto, nesse processo a relação dialógica com o outro. Por fim, é preciso considerar as aprendizagens logradas pelo processo de ambientação. Nessa dinâmica de entendimento, Espinosa (2022) afirma que *“a mente humana é capaz de perceber muitas coisas e é tanto mais capaz quanto maior for o número de maneiras pelas quais o seu corpo pode ser arranjado.”* (Espinosa. 2022. p 66). O ambiente nos afeta de muitas formas, e, como nosso corpo só é capaz de perceber as coisas pelas quais é afetado, a superação e ambientação só se

realiza por esse fator, na medida em que nosso corpo é afetado por diversos estímulos, somos capazes de pensar em diversas maneiras de mobilizar e contornar certas situações de aprendizagem.

## **Considerações finais**

A partir do que foi observado, pode-se perceber que problemas que professores e estudantes já enfrentavam no âmbito educacional, foram potencializados durante o período de isolamento físico causado pela pandemia do COVID-19. Aqueles que tinham dificuldade com infraestrutura, tais como transporte e recursos tecnológicos, foram ainda mais afetados durante tal período. Entretanto, foi observado também que tal ambiente possibilitou um olhar mais atento, tendo suas realidades esgarçadas, professores puderam notar que alguns métodos utilizados careciam de certos aspectos de modificação, e este olhar mais atento abriu possibilidade para melhorarem o planejamento e execução de suas aulas.

Portanto, pode-se perceber dois fatores que emergiram dentro desse ambiente tão caótico. Em primeiro lugar, deve-se enfatizar a versatilidade dos professores, isso é, a capacidade de perceberem-se diante de uma crise e a partir disso remodelar suas práticas didático pedagógicas em tão pouco tempo. Claro que ao apontar e chamar a atenção para o comprometimento dos professores, não queremos aqui com isso dizer que os professores (e estudantes) detêm total responsabilidade sobre as questões que lhe afetam. Ficou evidente, pelas narrativas, que o comprometimento com e para a educação deve partir principalmente do Estado, pois, a falta de investimento em melhores condições de infraestrutura e acessibilidade para os cidadãos, afeta diretamente a dinâmica na relação pedagógica na universidade (na pesquisa, ensino e extensão).

No eixo de reflexões sobre a relação pedagógica, percebemos que estar isolado fisicamente não é sinônimo de solidão, de abandono, de impossibilidade de estabelecer vínculos afetivos. Estar isolado fisicamente foi sinônimo de uma reconfiguração e reconhecimento dos limites do corpo humano e de seus desdobramentos afetivos, que apesar de nos encontrarmos em determinados momentos com dificuldades de locomoção, de acesso à tecnologia e demais fatores que contribuem para a inserção de pessoas nos meios tecnológicos, essas dificuldades que aparentemente deveriam nos afastar, foi um fator decisivo para a aproximação, à união, pois em meio a tantos empecilhos e diferenças é que professores e estudantes pedem juntos por apelo e melhoria, e é juntos que constroem essa relação pedagógica.

Em segundo lugar, a importância da dimensão do afeto na relação pedagógica para a construção do conhecimento. A universidade é uma instituição humanista e o seu propósito é educar humanos por humanos para o bem da humanidade. O que é verdade para a universidade é para toda educação. Logo, a instituição e seus participantes não podem e não podiam se esquecer que o movimento educacional e humanista gira em torno do conhecimento humano. E este conhecimento, só é válido na medida em que é capaz de humanizar.

Uma educação que não segue esses princípios básicos não é capaz de resistir a grandes crises. Sem esse movimento humanizador, não é possível resistir ao avanço tecnológico, como apontou uma de nossas colaboradoras sobre a necessidade de humanizar a tecnologia. Temos que compreender que os meios tecnológicos servem como uma extensão de nosso corpo, extensão que tem por sua vez a função de aumentar nossas habilidades ou de facilitar certas tarefas, um uso não humanizador dessas tecnologias, faz com que caiamos no isolamento.

Como educadores, devemos ter consciência de que ocupar uma posição diferente dentro da sala de aula, não nos torna automaticamente detentores de todo saber, juízes do destino. A superioridade de ser professor revela-se no seu agir corretamente em reconhecer que se aprende junto com o estudante. Não seria possível lidar com o isolamento físico, construir uma relação pedagógica, ensinar e humanizar a tecnologia durante a pandemia causada pela COVID-19 sem ter consciência disso.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007
- CANDAU, Vera. Maria. Ferrão. Diferenças Desigualdades e Educação Escolar: Desafios da perspectiva intercultural. In: RIOS, J.A.V. P. **Diferenças e Desigualdades no cotidiano da Educação Básica**. editora Mercado de Letras. 2017
- FLUSSER. Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. (Org.) Rafael Cardoso; Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo-Cosac Naify, 2007.
- FREIRE Paulo. **Educação e Mudança**. Paz e Terra. Ed. São Paulo; 2011. 112 p.
- FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 74 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- RIBEIRO. Marinalva. Lopes. **A afetividade na relação educativa**. Estudos de Psicologia I Campinas I 27(3) I 403-412 I julho - setembro 2010.

Implicações da pandemia do coronavírus na relação pedagógica  
entre professores e estudantes na universidade

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. O discurso e o excesso de significação. Trad. por Artur Moão do original inglês Interpretation Theory: discourse and the surplus of meaning. Lisboa: Edições 70, 2000.

SANTOS, Boaventura. de Sousa. **Cruel pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

SANTOS, Boaventura. de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de Ciências Sociais**, v.63, outubro de 2022. p. 237-280

SILVA, Fabrício Oliveira da; SOUZA, Geruza Ferreira Ribeiro de; NASCIMENTO, Edna Gama do. Construção da identidade docente em tempos de pandemia: narrativas de professores/as do ensino fundamental. **Educação**, [S. l.], v. 48, n. 1, p. e73/1–23, 2023. DOI: 10.5902/1984644467754. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/67754>. Acesso em: 20 mai. 2024.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

TOM, Zé. **Salva a humanidade**. Vídeo. Tom Zé, Vira lata Da Via Láctea. 2014. Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=vlIw1ZvvgfI>. Acesso em: 01 de janeiro de 2022.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 31/12/2023  
Aprovado em: 07/10/2024